

Magnífico Reitor

Senhores Professores Directores e

Presidentes dos Conselhos Científicos

das Faculdades e Institutos da Universidade de Lisboa

Ilustres Ex-Presidentes da República

Senhoras e Senhores Professores

Caro Presidente da Associação Académica da Universidade de Lisboa

Senhor Professor João Lobo Antunes

Excelentíssimas Autoridades Civis e Militares

Caros Estudantes

Minhas Senhoras e meus Senhores

Começo por agradecer ao magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor António Sampaio da Nóvoa, o convite que me dirigiu para participar nesta Cerimónia de Abertura do Ano Académico, em que são atribuídas, aos meus ilustres companheiros, ex-Presidentes da República, e a mim próprio, as insígnias do Grau de Doutor Honoris Causa.

No ano em que se comemora o centenário da Universidade de Lisboa, criação da I República, que igualmente se comemora, nada me poderia ser mais grato, sendo "republicano, socialista e laico", como me auto-defini, para que não houvesse dúvidas, num momento delicado da nossa II República.

Desejo também saudar, respeitosamente, os ilustres ex-Presidentes, que acompanho neste acto simbólico e solene, com enorme gosto, alta consideração e estima que tenho por ambos, bem como as Suas Excelentíssimas Esposas.

Quero agradecer ainda ao meu querido Padrinho, Prof. Doutor Jorge Gaspar, grande geógrafo, que conheço e estimo desde pequeno, e tanto admiro, que me dirigiu palavras muito simpáticas, mas exageradas, visto terem pecado pelo calor da nossa velha amizade. Muito obrigado, caríssimo Gaspar.

As comemorações do Centenário da República, dirigidas pelo seu Presidente, Dr. Artur Santos Silva e pela sua brilhante equipa, tiveram - e continuam a ter - uma enorme repercussão, literalmente, por todo o País: das várias Universidades, às Escolas primárias e secundárias, das Associações mais diversas, aos Partidos Políticos e à Maçonaria, das pessoas mais humildes às mais qualificadas. Foi para mim uma imensa alegria constatar a quase unanimidade nacional, que se manifestou, em favor da República e da Democracia, apesar da propaganda anti-republicana e anti-democrática sistemática da Ditadura, durante 48 longos anos. Os valores republicanos perduram no coração da maioria esmagadora dos portugueses. A nossa II República, nascida da gesta pacífica e heróica da Revolução dos Cravos, graças aos capitães de Abril, que saúdo, assegurou até hoje 36 anos de paz civil a Portugal - sem revoluções, atentados ou excessivas violências, embora com deficits intermitentes - o que constituiu um dos períodos mais tranquilos e consensuais, desde o liberalismo.

Permito-me dizer isto, porque nesta cerimónia solene comemora-se também o Centenário da República.

Fui um estudante modesto, desta nossa Universidade, tanto na Faculdade de Letras como na de Direito. A minha passagem não deixou marcas, a não ser em mim próprio. Em consequência, fui professor do ensino secundário em Portugal, por pouco tempo e depois advogado, dezasseis anos, interrompidos por vários episódios prisionais. Mas a minha paixão e destino - hoje, com a minha idade, posso dizê-lo - foi sempre a Política, com P grande, ao serviço desinteressado da Pátria, da República e dos Portugueses.

É o que posso transmitir-lhes, Senhores Professores e, principalmente, Estudantes - que aqui se encontram. Agi sempre, contra a corrente da propaganda

dominante, durante a Ditadura. Estamos hoje num Mundo em mudança. Com a minha idade, vi muita coisa, creiam. Mas os valores éticos ficam. É o que conta, como as pessoas. Os problemas, bem ou mal, passam muitas vezes como a poeira do tempo. Mas as Pátrias ficam, sobretudo quando têm uma história tão gloriosa como a nossa.

Agradeço, penhoradamente, aos Senhores Directores e Professores a distinção que me atribuíram, sobretudo, por ter ficado, cronologicamente, entre dois ilustres ex-Presidentes: um que foi meu antecessor e pioneiro nestas lides, numa altura particularmente difícil; e o outro, meu sucessor e camarada, que soube passar com claro bom senso, grandes dificuldades conjunturais.

Hoje vivemos uma situação extremamente difícil - na União Europeia e em Portugal - por pertencermos, e bem, à zona euro. Mas temos de a ultrapassar, como no passado. Em primeiro lugar, lutando contra o derrotismo e o desanimo. E, depois, confiando em Portugal e nos Portugueses. Acredito que o bom senso, entre os Partidos e os parceiros sociais, prevaleça. É fundamental que assim aconteça! E, depois, pensemos que atrás de tempo, tempo vem.

Muito obrigado!

Mário Soares

Lisboa, 11 de Outubro de 2010